



Manolis Glezos

Como o neoliberalismo faliu e destruiu a Grécia

Konstantinos Karikis¹

Membro do partido Coligação da Esquerda

tradução: Aikaterini Arampatzi²

Há uns dias completaram-se dois anos do dia que o partido PASOK ganhou as eleições, voltando ao poder mais uma vez deste 1981. Com a diferença de dez pontos percentuais do segundo partido Nova Democracia e assegurando uma confortável maioria absoluta no Parlamento (160 lugares no total de 300), o dia 7 de Novembro de 2009 foi um dia bom para o partido socialista e, como todos acreditávamos, para a Grécia também, deixando atrás um intervalo fracassado e embaraçado da governança neoliberal do partido conservador Nova Democracia que estava ao poder desde 2004.

Nem o mais fundamentalista da Esquerda, nem o mais radical neoliberal, nem o mais complexado eleitor que vota contra o PASOK poderiam imaginar a destruição que o nosso país ia enfrentar dois anos depois. Hoje o partido governamental está apoiado por apenas 153 deputados, visto que as retiradas ou as expulsões o “encurtaram” quase à margem a sua maioria parlamentar. O Parlamento, dos cinco partidos agora já tem oito, mas estes três “novos” não são nada mais que pequenos agrupamentos compostos de membros que retiraram-se ou foram expulsos do PASOK, da Nova Democracia mas também da Coligação da Esquerda Radical, o segundo maior pólo das forças anticapitalistas da Grécia.

Por tudo isso, mesmo se esboça a afasia em que se encontra o sistema político, porém, dificilmente reflete o desespero, a raiva e a incerteza que os cidadãos sentem frente à formalização iminente da absoluta destruição económica, preparada para a Grécia nas cimeiras (cúpolas) da União Europeia e da Zona do Euro, quase *in absentia* de um país que, por mais uma vez, se torna incompetente e, também, pouco confiável.

Yorgos Papandreu, neto do primeiro-ministro grego que consagrou e apoiou a educação gratuita para todos os gregos, filho do primeiro-ministro que estabeleceu a gestão autónoma das Universidades e, ele próprio Presidente da “Internacional Socialista”, chegou ao poder com os pergaminhos de alguém que cuida dos cidadãos desfavorecidos e com a herança da guerra que por muitos anos os fortes interesses editoriais e empresariais tinham feito contra ele. Chegou ao poder com a palavra de ordem “há dinheiro”, subentendendo que com a vontade de punir a evasão fiscal dos poderosos, as contas públicas se iam recompor, sem sacrifícios sangrentos da parte dos empresários médios e dos assalariados, que de forma constante ao longo de décadas carregavam um sistema financeiro perfurado. Chegou ao poder, inclusive, usando a palavra de ordem de Rosa Luxemburgo “Socialismo ou Barbaridade”, para a qual foi condenado pelo maior partido da oposição, que dinamitava a cena política do país porque caracterizava os seus adversários como “bárbaros”! Chegou ao poder tendo o próprio Papandreu inalado os gases lacrimogéneos no porto do Piréu, quando foi mostrar o seu apoio à luta dos agricultores de Creta que tentavam chegar em Atenas de trator.

Dois anos atrás achávamos que tínhamos escolhido um tal primeiro-ministro. E mesmo nós que não o tínhamos eleito, acreditávamos na sua ética e na visão de uma pessoa que, mesmo se não fosse tanto da Esquerda, tinha honestidade e coragem para enfrentar o monstro da crise que se aproximava e também para iniciar as mudanças corajosas que o nosso país precisava.

Dois anos depois, nada nos faz lembrar a euforia daqueles dias. Mesmo os mais otimistas de 2009, apavorados e transtornados, aguardam com angústia o rumo dramático que se prepara, praticamente sem a participação do país e do seu governo.

A dura realidade que ninguém põe em causa é que a Grécia é um país falido. Um país que dois anos após os sublimes anúncios, continua sendo apoiado, unicamente, por seus cidadãos, por meio de sua débel e exorbitante esmola fiscal. Um país que ainda não declarou a suspensão de pagamentos simplesmente porque os seus “parceiros” esmagaram-no com os caríssimos empréstimos que se juntam à velha dívida. Assim, neste momento se estima que até o final de 2012 deveremos 189% do nosso Produto Interno Produto!

Contudo, o que nos abala mais é o fato de que, dentro das condições da crise, que impõe dados e números, se desenvolve uma

tentativa selvagem de reformas que, atrás da máscara do Crescimento, da Meritocracia e da Criação de Oportunidades Iguais para Todos, escondem a mais violenta concentração de rendimentos e de riqueza que o mundo ocidental conheceu depois da II Guerra Mundial.

A tributação selvagem de cada atividade funciona como um veneno lento para o mercado. O volume de negócios está reduzido, os rendimentos estão destroçados e para que as empresas enfrentem a crise, o governo facilita-lhes o trabalho, não com o empréstimos sem juros e ajuda ao desenvolvimento, mas com a dissolução completa do quadro das relações laborais. As demissões já são facilímas e as indenizações dos trabalhadores foram diminuídas tragicamente. O nosso governo socialista até introduziu a demissão com aviso que, se for em tempo – ou seja, com alguns meses de antecedência - diminui a indemnização pela metade!

Tudo isso contribuiu para que o desemprego tenha chegado ao 12,2%, isto é mais do que 600.000 desempregados no total de aproximadamente dez milhões de habitantes. Espera-se que o “tsunami” das demissões continue de uma forma impetuosa e que a percentagem dos desempregados chegue a 20%, um valor que foi registado somente na década 1950. Assim se entende que um milhão de pessoas fiquem sem trabalho até 2012.

Ao mesmo tempo, os rendimentos dos que continuam a trabalhar foram atacados. A arbitrariedade patronal no setor privado é tratada com tolerância forçada porque o estado grego nunca se interessou seriamente em criar e apoiar fortes mecanismos de fiscalização sobre a legislação trabalhista. Chantageado e com cada vez menos apoio do Estado que legisla às custas dos direitos trabalhistas, a maioria dos trabalhadores recua ao terrorismo do Contrato Individual de Trabalho, enquanto a “bandeira rota” do Contrato Coletivo Nacional sob as indicações da Troika e os esforços briosos dos ministros gregos de enganarem os cidadãos está-se preparando para o arriamento definitivo e para entrar no “Baú do Tempo da História” (uma outra frase favorita da família Papandreu, porém esta das boas épocas).

Os trabalhadores sem direitos e contrato coletivo, sem proteção eficaz contra uma demissão potencial e com cortes contínuos dos seus rendimentos não são considerados trabalhadores de um país europeu. Nos gregos já parecemos como imigrantes no nosso próprio país, sem a perspetiva e possibilidade de melhora da nossa vida. A greve parece um luxo que pertence somente aos supostamente privilegiados do setor público, mas alí também com data de expiração.

Os novos empresários e profissionais se lamentam por causa do peso da política financeira centralizada somente para a satisfação dos objetivos maximalistas que a Troika – como foi denominada a atuação conjunta do Banco Central Europeu, o Fundo Monetário Internacional e a Comissão Europeia – impôs. Os funcionários públicos, segundo a nova escala salarial, perdem, desde Novembro, 20% a 50% dos seus salários. Na administração pública, dezenas de milhares de demissões são preparadas através de uma lei anti-trabalhista de invenção grega chamada “Reserva” (*Funcionários do setor público mais amplo ou de empresas públicas com contratos de tempo indeterminado vão receber por um ano 60% do seu salário e depois, dependendo das necessidades, serão demitidos*).

Os organismos do setor público que obtenham ganhos, com um passivo mínimo e gestão, surpreendentemente, em ordem para um país com tão grandes problemas de corrupção entram no mesmo saco de empresas públicas com perdas e prejuízos para serem encaminhadas ao “Encolhimento de Procrusto”.³ Tudo isso acontece não com base em algumas necessidades ou algum modelo de administração que venha dar um pulso ao desenvolvimento do país mas com o único critério: que até o final do ano trabalhem 30.000 pessoas menos no setor público mais amplo. Tudo feito às pressas e ao custo dos cidadãos já demasiadamente debilitados.

Muitos dos manifestantes reivindicam às suas palavras de ordem, o exemplo da Argentina, com o desejo de que, uma noite, um helicóptero venha a levar toda a liderança política para... “o cu de Judas”. As manifestações variam: há vezes que são pequenas, mas há, também, vezes que têm um número impressionante, com um grande volume de participantes. As concentrações e as ocupações de edifícios públicos em Atenas acontecem diariamente. Os cidadãos estão irritados, assustados e sentem que atingem seus limites.

A explosão social não é inevitável mas cada dia que passa, cada decisão do governo, cada pequeno fracasso da fraude do Memorando, cada alusão de novas medidas porque as antigas não resultam, pode trazê-la cada vez mais perto. A Grécia, isolada das necessidades reais das pessoas e da solidariedade social, vive a sua falência mas vive também a falência de um modelo de crescimento neoliberal que foi baseado no individualismo, no crescimento económico e no consumo frívolo. Este modelo faliu na Grécia, este modelo levou a Grécia à falência.

Nesta fase a Grécia é importante, não só para o equilíbrio do sistema bancário internacional ao colocá-lo em perigo com a sua

falência, mas também por uma outra razão: a demolição do sistema de previdência e de segurança social que mesmo com a miserável e ineficaz “forma grega”, funcionava e cobria as necessidades, parece que será um “piloto” para os próximos países que vão estar no nosso lugar. A Europa que até ontem proclamava com óbvio esnobismo a superioridade qualitativa da sua mão-de-obra em comparação à mão-de-obra barata mas não qualificada dos asiáticos, agora dá uma volta de 180 graus e proclama a redução dos custos do trabalho como o seu “Evangelho” à nova luta da competitividade.

Em estas circunstâncias ninguém sabe o que vai acontecer. O país e a sociedade são levadas a uma morte lenta e torturante. A imigração parece a única perspectiva séria para os jovens. A riqueza grega, que foi criada por gerações de gregos, é leiloada por poucos milhões de euros, após as exigências dos nossos credores. Porém, há algumas pequenas ilhas de bem-estar e de riqueza que vivem no seu mundo isolado, recusando-se a participar no esforço nacional de superação.

A Grécia vive mais uma tragédia, só que desta vez o impacto será sísmico para muitos povos. Se a experimentação grega “der resultado”, se “o modelo grego” funcionar e provocar choques sociais, a exportação destas não tardará. E, naquele momento nenhum trabalhador em nenhum canto do mundo se sentirá seguro.

Notas

1. Konstantinos (Kostas) Karikis trabalha na televisão pública (ERT) e faz parte do grupo de redação do noticiário central. É membro do partido Coligação da Esquerda e do Progresso, espinha central da Coligação da Esquerda Radical (SYRIZA). Foi demitido e reempregado no mesmo dia. Tudo está uma bagunça na Grécia, porém, o canal principal da ERT (ET1, onde ele trabalha), segundo o anúncio do governo, será extinto.
2. Aikaterini Arampatzi é colaboradora da Revista Mouro.
3. Cama de Procasto, ou Procasto, também conhecido como *Damastes* ou *Polipémon* é um personagem da mitologia grega, que faz parte da história de Teseu. Era um bandido que vivia na serra de Elêusis. Tinha uma cama de ferro, com seu tamanho exato, para a qual convidava todos os viajantes a deitar. Caso fossem demasiado altos, ele amputava o excesso de comprimento para caberem na cama, e os pequenos eram esticados até atingirem o comprimento da cama. Continuou seu reinado de terror até que foi capturado pelo herói ateniense Teseu que, em sua última aventura, prendeu Procasto lateralmente em sua própria cama e cortou-lhe a cabeça e os pés, aplicando-lhe o mesmo suplício que infligia aos seus hóspedes.